

Quatro décadas no gelo: a primeira inver

Por: José Henrique Salvi Elkfury, Contra-Almirante (Ref^o-FN)

Em 3 de março de 2026 foi realizada, na Estação Antártica Comandante Ferraz (EACF), cerimônia alusiva à primeira invernção. Presidida pelo Comandante da Marinha e com participação de representantes do Ministério da Defesa e do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, incluiu o descerramento de placa e foto da tripulação de então – quatro pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e sete militares da Marinha do Brasil (MB), que guarneceram a EACF, pela primeira vez, durante o período de inverno, entre março e dezembro de 1986.

A ocupação permanente da Estação já mostrava, à época, o firme propósito do Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR), criado em 12 de janeiro de 1982: promover pesquisas para conhecer os fenômenos locais que tenham repercussão nos demais continentes, em especial no território brasileiro, e, assim, manter o Brasil na condição de Membro Consultivo do Tratado da Antártica, assegurando nossa atuação plena na governança do continente austral.



A participação nessa viagem evocou lembranças de cada etapa da primeira invernção. A visita à Estação de Apoio Antártico no Rio de Janeiro (ESANTAR RIO) para provar vestuário de frio lembrou o planejamento conduzido em 1985, que contou com as experiências dos primeiros Chefes da EACF, Comandantes Edison Nascimento Martins e José Fernando Ermel, e da campanha de

1984 na Base Antártica General Belgrano II, do Exército Argentino. A conversa com o Grupo Base da OPERANTAR XLV me trouxe à memória as ações preparatórias executadas em 1985-86, para seleção e preparação da tripulação, constituída, além do Chefe da Estação, por Subchefe, Médico, Cozinheiro, Encarregados de Motores e Viaturas, de Eletricidade, Instalações e Equipamentos, e da Estação Rádio, e pelos representantes do INPE, um engenheiro e três técnicos, que realizariam projetos nas áreas de Propagação na Baixa Ionosfera (FIX-VLF); Medidas de Radônio na Baixa Atmosfera; Circulação Atmosférica; Geomagnetismo; e Gravimetria. Além disso, o Médico executou projeto sobre adaptação do sistema cardiovascular às baixas temperaturas. Foram previstos, ainda, testes com ração glacial e com peças de uniformes para regiões frias desenvolvidas pelo Corpo de Fuzileiros Navais.

O processo seletivo compreendeu exames médicos, avaliação psicológica e a primeira parte do treinamento, participando os voluntários, civis e militares, aprovados nas etapas anteriores. Esse treinamento, realizado na região de Itatiaia, RJ, foi conduzido pelo Batalhão de Operações Especiais de Fuzileiros Navais, Batalhão Tonelero, com apoio do Clube Alpino Paulista, e constou de exercícios intensos, sob baixas temperaturas, visando capacitar o grupo em montanhismo, segurança e sobrevivência em regiões frias, além de completar o processo seletivo.

A segunda parte abordou primeiros socorros e cuidados com a saúde, na Escola de Saúde da Marinha, e orientação e navegação terrestre, prática com pequenas embarcações, natação utilitária e sobrevivência no mar, no Centro de Avaliação da Ilha da Marambaia (CADIM).



O período no CADIM serviu, também, para desenvolvimento do espírito de corpo no grupo, importante para o convívio durante o período de isolamento, em especial no inverno. Além disso, houve cursos nos fabricantes de meios como tratores, geradores e rádios, e, na SAEF, fabricante dos módulos da Estação, sobre redes elétrica, hidráulica e de esgoto, sistema de tratamento de resíduos sólidos, frigorífica etc, voltados para os especialistas. Vale ressaltar que para cada função havia dois tripulantes capacitados, visando situações de emergência.

O percurso até o Aeródromo Teniente Marsh, da Base Presidente Frei, do Chile, na Ilha Rei Jorge, realizado em aeronaves da Força Aérea Brasileira (FAB), recordou-me do voo Rio – Punta Arenas, com escalas em São Paulo, para embarque da equipe do INPE, e em Pelotas, RS, para receber o vestuário de frio – ainda não existia a ESANTAR RIO e a ESANTAR RIO GRANDE estava no seu início. Foram momentos de expectativa sobre o que nos esperava – o mais tranquilo era o saudoso Armando Hadano, “veterano antártico” do INPE, visto que integrara a tripulação pioneira da EACF, em 1984.



nada e o legado brasileiro na Antártica

A FAB tem contribuído com o PROANTAR desde seu início – o primeiro voo para a Antártica foi em agosto de 1983, empregando aeronave C-130 Hércules do 1º Esquadrão do 1º Grupo de Transporte (1º/1º GT), conhecido como Esquadrão Gordo, e, desde então, presta inestimável apoio, transportando pessoal e material até Marsh ou lançando contêineres diretamente em Ferraz, mesmo durante o inverno. Essas missões, hoje, são cumpridas com aeronaves C-105 Amazonas, do Esquadrão Arara, ou KC-390 Millennium, do Esquadrão Gordo. Embarcar no Navio Polar (NPo) “Almirante Maximiano” para o deslocamento até Ferraz fez-me lembrar do Navio de Apoio Oceanográfico (NAPoC) “Barão de Teffé” e do Navio Oceanográfico “Professor Wladimir Besnard”, da Universidade de São Paulo, baluartes nos primeiros tempos nas atividades de pesquisa e na logística da Estação, refúgios e acampamentos.



Navio Oceanográfico “Professor Wladimir Besnard”.

Na EACF fomos recepcionados pelo Comandante Felipe Cardoso de Araújo e tripulação, com a mesma fidalguia naval que o Comandante Antonio José Teixeira e sua equipe nos receberam em 1986. Nesta vez a estada foi curta e pautada pela cerimônia, mas, quarenta anos atrás, os primeiros dias foram marcados por trabalho intenso, para desembarcar o material necessário à invernada e receber detalhadamente as funções de cada tripulante.

A cerimônia de 19 de março de 1986 também contou, como em 2026, com a presença de autoridades ilustres: os Ministros da Marinha, das Relações Exteriores e da Ciência e Tecnologia, demonstrando a relevância do PROANTAR como programa do Estado Brasileiro já no seu início. Em seguida o “Barão de Teffé” suspendeu para retorno ao Brasil, indicando que estávamos iniciando a invernada, que pode ser descrita em três períodos, definidos de acordo com as condições do tempo.

O primeiro período, de março a maio, foi de adap-



Primeiro Grupo-Base a invernar na Antártica. Em pé, da esquerda para direita: CC (FN) Elkjury, CT (Md) Caiado, SG-CO Moreira, SG-FN-CN Nilson, SG-FN-EG Iderley, SG-EL Tardin. Agachados: CT (FN) Luiz Felipe, Téc. ET INPE Marcelo, Téc. ET INPE Hadano, Eng. INPE Plínio e Téc. ET INPE Chagas.

tação do grupo e ajustes nas instalações, com definição da rotina, distribuição equitativa das tarefas de caráter geral, reconhecimento das instalações e do entorno da Estação e arrumação do material. Alguns contêineres foram reposicionados, montamos dois módulos para refúgio, onde armazenamos peças de vestuário e ração glacial, e treinamos procedimentos de segurança, como combate a incêndio. Descobrimos a especialidade do cozinheiro: rabada – com couve, em vez de agrião, pois era o que tínhamos, na forma liofilizada. Ele também fazia excelentes pizzas, quitute reservado para sábados, após a “sessão da tarde” – filme em videocassete, tecnologia *top* da época – seguindo-se seresta, quando o saudoso Dr. Arnoldi Caiado Filho, médico da Estação, conduzia, ao violão, momentos de descontração e alegria. Para o lazer havia também jogos de computador, novidade na época, mas somente para os “iniciados”, utilizando dois computadores Microengenh 2, da Spectrum, além de biblioteca, com cerca de 350 volumes, jogos de salão, e caminhadas em grupo, quando o tempo era favorável.

No final de maio começou a transição para o período seguinte, com redução na temperatura e aumento de frequência de tempestades. Assim, em 3 de maio, fomos à Estação Arctowski, para celebrar data cívica da Polônia, utilizando bote pneumático, mas, em 20 de junho, para come-

morar o solstício de inverno, tivemos que utilizar motos (*snowmobiles*), pois o mar já estava congelado. No evento de maio testemunhamos, no mar, como as condições do tempo podem variar rapidamente, pois na travessia de volta fomos alcançados por forte tempestade que, embora prevista pela estação meteorológica polonesa, chegou bem antes da hora estimada.

Nesse período tivemos a mínima de -25°C e menos tempo de luz durante o dia. O vento mais forte chegou a 167 km/h, com rajadas de 180 km/h, restringindo atividades externas. O acúmulo de neve ocasionava fainas de limpeza, com participação de todos que estivessem disponíveis – mesmo sabendo que na próxima ventania começaria tudo novamente. Os deslocamentos externos eram feitos em dupla e foram priorizadas as tarefas internas, como elaboração de normas para o funcionamento da Estação, com ensinamentos colhidos no dia a dia, e registro do consumo médio de suprimentos. Foram verificadas mudanças no comportamento, por isso eram incentivadas ações em equipe, tanto no trabalho como nos momentos de recreação – foi organizado o primeiro torneio brasileiro de tênis de mesa na Antártica. O convívio fraterno é básico para superar o isolamento e o afastamento da família, tema que foi e deve ser previsto na seleção e no preparo da tripulação, reforçando a importância do trabalho em equipe e o bom relacionamento no grupo.



Nesta visita à EACF, tive oportunidade de verificar, entre as muitas novidades em relação à Estação de 1986, o avanço ocorrido nas comunicações, à época utilizando rádios em *High Frequency* (HF), suscetíveis às interferências eletromagnéticas típicas da região, o que afetava as ligações com a SECIRM e com as famílias, que contavam com apoio de radioamadores. Até o acompanhamento da Copa do Mundo, no México, teve interferência: no jogo contra a França, na hora do pênalti a favor do Brasil, a propagação caiu, retornando somente quando a seleção canarinho já estava desclassificada! Os contatos com as famílias são muito importantes para manter elevado o moral da tripulação e foram reforçados com cartas recebidas em pleno inverno graças a dois voos da FAB.

É importante destacar o excelente relacionamento mantido com as outras estações, em especial Arctowski e Marsh. Nossas visitas aos poloneses foram retribuídas e eles foram apresentados à feijoada do *Chef* Moreira – relutantes no início, devido ao visual, foram incentivados pelo cozinheiro deles, que provou e aprovou, sinal para todos se deliciarem. Esse relacionamento muito ajudou em dois momentos críticos – a queda de um helicóptero chileno ao pousar na base polonesa, com uma vítima fatal, e a necessidade de evacuação de um dos técnicos do INPE, que sofrera uma queda, com fratura na base do crânio. No primeiro caso, os chilenos foram acolhidos em Arctowski, enquanto aguardavam o resgate, e, não havendo espaço suficiente, alguns poloneses foram alojados em Ferraz por alguns dias. No segundo caso, foram fundamentais para a sobrevivência do pesquisador a atuação do Dr. Caiado e o apoio aéreo provido pela Força Aérea Chilena,

utilizando, conforme previsto no nosso planejamento de evacuação, helicóptero entre Ferraz e Marsh e aeronave Twin Otter da Ilha Rei Jorge até Punta Arenas, no Chile, seguido de internação em hospital naquela cidade.

O período final, entre outubro e dezembro, foi marcado pela evolução favorável do tempo: o mar começou a descongelar, houve menor ocorrência de tempestades, as temperaturas subiram, houve maior período diário de luz e tivemos a volta da vida animal – como focas saindo da água para parir na superfície do gelo. Consolidamos dados para planejamento de futuras comissões e iniciamos a preparação da Estação para a próxima equipe. A partir de novembro iniciamos o acompanhamento da singradura do “Barão de Teffé”, desde o Rio de Janeiro, e sua chegada na Baía do Almirantado foi muito celebrada. Seguiram-se dias longos em luminosidade e muito trabalho, reiniciando o ciclo de desembarque de material e passagem minuciosa de tarefas de cada função. O Dia do Marinheiro, 13 de dezembro, foi celebrado com a cerimônia de passagem da Estação para a nova tripulação, e, para todos nós, marcado pelo sentimento de realização profissional e pessoal, como partícipes, com muito orgulho, da primeira comissão de inverno na Estação Antártica Comandante Ferraz.

Neste 3 de março, foi muito gratificante rever aquele ambiente antártico e constatar como o PROANTAR evoluiu, projetando o Brasil na comunidade internacional. A placa e a foto que marcaram a cerimônia deste ano representam, na realidade, todos os que contribuíram para que o PROANTAR seja o mais longo programa de pesquisa científica brasileiro: pesquisadores, diplomatas, especialistas em meio ambiente, tri-



Almirante de Esquadra Olsen, Comandante da Marinha, entrega placa comemorativa ao Contra-Almirante (Ref^o-FN) Elkfury.

pulantes dos navios de ontem, já citados, de hoje, o NApOc “Ary Rongel” e o NPo “Maximiano”, e de amanhã, o NApAnt “Almirante Saldanha”, sem contar os Setores de Apoio da Marinha, que asseguram o aprestamento do pessoal e dos meios empregados.

O Brasil certamente seguirá firme como Membro Consultivo do Tratado da Antártica, posição conquistada em setembro de 1983, graças à visão do Almirante Maximiano Eduardo da Silva Fonseca e à dedicação de pioneiros, como os Comandantes Eugênio José Ferreira Neiva, primeiro Subsecretário do PROANTAR, e Luiz Antonio de Carvalho Ferraz, que, após viagens ao Ártico e à Antártica, integrou comissão que selecionou o “*Thala Dan*” para ser adquirido e transformado no NApOc “Barão de Teffé”. Com o que vi nesta viagem, tenho a convicção que essa posição será mantida com o esforço e a dedicação dos civis e militares que hoje sucedem aqueles pioneiros.

ADSUMUS! VIVA A MARINHA! TUDO PELA PÁTRIA!